



PORNOGRAFIAS E CULTURAS JUVENIS: PENSANDO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

PORNOGRAPHY AND YOUTH CULTURES: A CULTURAL STUDIES PERSPECTIVE

Gabriela Bercht*

Secretaria Municipal de Porto Alegre

 <https://orcid.org/0000-0003-3616-9265>

gabrielabercht@gmail.com

RESUMO: O artigo busca relatar um processo de pesquisa, guiado pelos Estudos Culturais e pela noção de Culturas Juvenis, dedicado a acompanhar o circuito comunicacional colocado em marcha a partir do momento em que os conteúdos pornográficos disponíveis on-line passam a fazer parte das culturas juvenis contemporâneas. O objetivo do artigo é demonstrar a factibilidade de se estruturar uma pesquisa empírica a partir dos Estudos Culturais e, de maneira mais específica, a partir da perspectiva barberiana sobre a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Jesús Martín- Barbero; pornografia; mediações; culturas juvenis

ABSTRACT: The article aims to report on a research process, guided by Cultural Studies and the notion of Youth Cultures, dedicated to tracking the communicational circuit set in motion from the moment online pornography content becomes part of contemporary youth cultures. The article's goal is to demonstrate the feasibility of structuring empirical research based on Cultural Studies and, more specifically, from the Barberian perspective on communication.

KEYWORDS: Jesús Martín-Barbero; pornography; mediations; youth cultures.

* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton. Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq - Nível B.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui apresento é, em parte, fruto de minha experiência como professora da rede pública de ensino. Depois de ter realizado dois trabalhos acadêmicos que tomavam a pornografia como objeto de pesquisa sob uma perspectiva teórica, as experiências em sala de aula impuseram-se, levando-me a questionamentos que giravam em torno da relação entre discurso pornográfico e culturas juvenis. Com alguma frequência, os e as alunas perguntavam, ou faziam afirmações sobre questões ligadas à sexualidade e a gênero que pareciam tomar como referência termos e até mesmo situações semelhantes àsquelas presentes no discurso pornográfico.

Ao buscar pesquisas (Cláudia PRIOSTE, 2013) que abordassem a relação entre jovens e Internet pude notar que minhas experiências em sala de aula não eram *sui generis*. Foi o contato com os e as alunas, portanto, que me instigou a propor uma investigação que averiguasse como se dá o processo de apropriação dos discursos pornográficos por jovens em idade escolar. De forma mais específica, me propus a responder ao questionamento: Se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas acessadas via Internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos? Responder tal questionamento era, portanto, o objetivo primário da pesquisa.

Imagino que usualmente muitos são os fatos que marcam o desenrolar de um processo de pesquisa e escrita de uma tese. Os cerca de quatro anos dedicados a um tema podem passar com a ligeireza ou o vagar que tendem a pautar a caminhada daquela que se arisca a adentrar nessa jornada. Neste sentido, me parece que a escolha do tema tende a influenciar fortemente a probabilidade de empolgação ou tédio sentido. A temática da pornografia, no meu caso, sempre propiciou que fosse a primeira dessas emoções a que mais marcasse a minha caminhada. E isto não se deve ao fato de as representações pornográficas operarem como *bodily images*, como aponta Linda Williams (1989). A empolgação referente ao tema esteve muito mais conectada ao caráter extremamente vivo e dinâmico que marcam a presença massiva das representações pornográficas no universo on-line e no *zeitgeist* contemporâneo. Muitas coisas aconteceram com a pornografia ao longo destes anos de pesquisa.

Em 2020, após reportagem do New York Times (04 de dezembro), intitulada “*The Children of Pornhub*”, escrita por Nicholas Kristof, em que o autor detalhava a presença de vídeos de abuso sexuais contra menores na plataforma *Pornhub.com*,

empresas como Visa e Mastercard suspenderam a possibilidade de utilização de seus serviços para pagamentos tanto nos sites pornográficos que a *Mindgeek* possui, incluindo o *pornhub.com*, quanto na *TrafficJunky*, a principal empresa utilizada para anúncios nos sites da *Mindgeek* (Pornhub, Brazzers, Redtube, YouPorn, Xtube) e o braço publicitário desta última. O ano de 2020 também foi o ano de explosão, em termos de usuários e de performers, da plataforma *Onlyfans*. Surgida em 2016, ganhou notoriedade a partir de 2018 e passou a ser creditada por transformar o cenário do trabalho sexual (Jacob BERNSTEIN, 2019) no contemporâneo e de ditar os novos rumos da indústria pornográfica. Em 2021 esta mesma plataforma anunciou que baniria os conteúdos pornográficos com receio de ser atingida pelo mesmo tipo de ação que levou a empresas e bancos suspenderem relações com os sites da *Mindgeek*, porém, em alguns dias, depois de sofrer um intenso *backlash* nas redes sociais, a aplicação da nova política foi suspensa. Havendo aqui o indicativo de que não só a pornografia tende a surgir de fato como uma forte candidata para a testagem de novos formatos tecnológicos, mesmo que seja posteriormente abandonada, mas que a temática pornográfica segue possuindo um grande potencial de mobilização social.

Estes são alguns exemplos das diversas notícias com as quais eu fui me deparando ao longo do processo de pesquisa, um reflexo do universo dinâmico da pornografia no contemporâneo. Do outro lado, a experiência como professora, atuando na educação básica com um público similar aquele que constituiu o público-alvo da tese servia para reforçar em mim a crença de que a relação entre materiais sexualmente explícitos disponíveis on-line e culturas juvenis era algo que merecia ser investigado mais a fundo.

A ideia de acompanhar tal processo comunicativo, no entanto, parecia desde o início uma tarefa complexa. Como dar conta de um processo de comunicação em que os canais emissores dos conteúdos se multiplicaram de forma viral e que os próprios conteúdos, as representações pornográficas, tornaram-se infundáveis? Como conversar com jovens sobre o acesso a pornografia em um momento em que vivemos um período em que as questões de gênero e sexualidade se tornaram o cavalo de troia para a implementação de uma agenda conservadora com tons mais fortes de fascismo do que gostaríamos de reconhecer? Foi se tornando claro para mim, ao longo dos meses iniciais que marcaram a pesquisa, que eu necessitaria de um enquadramento teórico-metodológico que fosse capaz de dar conta do escopo, propositalmente amplo, da pergunta que eu me propunha responder.

O contato com os Estudos Culturais, nas suas vertentes anglo-saxãs e latino-americanas, e, em especial, com a teoria de Jesús Martín-Barbero permitiram vislumbrar a factibilidade da pesquisa. Me aventurei a tomar o mapa barberiano como carta de navegação e passei a entender as mediações e os conceitos ali expostos como pistas para compreender as mudanças mais amplas que ocorriam nos processos comunicativos contemporâneos, no quais as representações pornográficas eram apenas uma fração. Em especial, procurei reter ao máximo a ideia de que não era possível investigar o processo que me propunha olhando para dois polos opostos (emissores e receptores) ou mesmo enfatizando apenas as mudanças tecnológicas trazidas à tona pelos meios digitais. Era necessário buscar observar como as representações pornográficas acessadas nos meios digitais relacionavam-se com a cultura cotidiana das pessoas jovens, como adentravam nas culturas juvenis e tornavam-se partícipes de novas formas de se viver, sentir, perceber e criavam, desta forma, *habitus* novos.

O presente artigo busca relatar este processo de pesquisa guiado pelos Estudos Culturais e pela noção de Culturas Juvenis. Início apresentando algumas reflexões mais amplas sobre os Estudos Culturais e passo, então, a explicitar a opção pela utilização da perspectiva teórico-metodológica de Jesús Martín-Barbero como forma de melhor compreender a relação entre representações pornográficas e culturas juvenis. Para além de uma reflexão sobre os principais conceitos presentes na última versão do mapa barberiano, aponto como ocorreu a operacionalização da pesquisa e quais caminhos teórico-metodológicos permitiram estabelecer quais seriam as narrativas hegemônicas e quais identidades e figuras de identidade são mobilizadas pelo discurso pornográfico disponibilizado on-line. Em um segundo momento, apresento algumas reflexões sobre o conceito de culturas juvenis e indico os caminhos que foram tomados ao longo da pesquisa para chegar a um entendimento sobre as maneiras como as pessoas jovens se relacionam com materiais pornográficos disponíveis *on-line*. Importante ressaltar que o presente artigo se constitui como um relato de pesquisa, que busca apresentar e refletir sobre o processo de operacionalização de um trabalho investigativo a partir da perspectiva barberiana e dos estudos culturais. Alguns dos achados da pesquisa serão eventualmente mencionados ao longo do texto, no entanto, a apresentação completa dos resultados será foco de artigos futuros.

PROCURANDO UM MAPA: CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO

Dado que um dos objetivos da pesquisa era o contribuir para o entendimento de como se dá a apropriação do discurso pornográfico por parte de jovens, era necessário ampliar o foco para além da leitura dos textos ou dos discursos pornográficos. A forma como estes são recebidos não poderia ser derivada apenas da intenção da produção. Sendo necessário historicizar e contextualizar o processo de produção de significado com um todo. As diversas reflexões já efetuadas pelos estudiosos dos Estudos Culturais, muitos dos quais se baseiam no conceito de hegemonia de Gramsci, serviram, portanto, de apoio teórico para pesquisa. Em especial, na medida em que desenvolvem uma noção fluída em torno da ideia de dominação cultural. De forma bastante introdutória, o conceito de hegemonia permite-nos compreender a cultura “como terreno de luta e negociação entre grupos - e não simplesmente de dominação e imposição de significados por parte do grupo dominante” (Vera FRANÇA; Paula SIMÕES, 2016, p.151).

Compreender a hegemonia como um exercício de poder que é realizado através de negociações com os interesses dos grupos dominados permite que desloquemos a chave de interpretação de uma concepção que vê a ideologia como uma forma de mascarar o real para uma visão que busca compreender como ocorre a luta pelo significado na linguagem e na constituição de formas sociais e culturais. Ao não fornecer um status totalizante para o campo cultural/ideológico, tal visão permite compreendermos de forma mais adequada a possibilidade de existência de discursos não ideológicos e como pode ser produzida a desarticulação de determinados termos com determinados conteúdos. Abre-se, portanto, a possibilidade de compreensão de como atuam as forças contra-hegemônicas de resistência e luta.

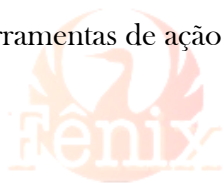
Neste sentido, me pareceu importante atentar para a questão de acesso aos meios de significação. Tal ponto é enfatizado por Stuart Hall quando o autor reflete, partindo de Gramsci e Laclau, sobre as possibilidades da luta ideológica articular/desarticular significados:

Mas a “luta pelo significado” não ocorre exclusivamente nas condensações discursivas às quais estão sujeitos diferentes elementos ideológicos. Havia também a luta pelo acesso aos próprios meios de significação: a diferença entre testemunhas e porta-vozes credenciados que tinham acesso privilegiado, por direito, ao mundo do discurso público e cujas declarações carregavam a representatividade e autoridade que lhes permitiam estabelecer a estrutura principal ou os termos de um argumento; em contraste com aqueles que tiveram que

lutar para obter acesso ao mundo do discurso público; cujas 'definições' foram sempre mais parciais, fragmentárias e deslegitimadas; e que, quando obtiveram acesso, tiveram que atuar de acordo com os termos estabelecidos da problemática em jogo. (HALL, 2005, p. 77, tradução própria)

Em termos teóricos e metodológicos, como é possível, então, operacionalizar uma pesquisa que compreenda todo o processo de comunicação envolvido na utilização de determinado produto midiático? Seguramente, existem muitas possibilidades de respostas para esta pergunta. Decidi apostar na utilização da perspectiva teórico-metodológica de Jesús Martín -Barbero como forma de melhor compreender o objeto de pesquisa e quais os usos que dele são feitos pelas pessoas jovens na atualidade.

Historicamente a constituição do pensamento de JMB¹ encontra-se ligada, ainda que de maneira oposicional, a dois momentos de análise em comunicação na América Latina. O primeiro deles, iniciado no final dos anos 60, é chamado pelo autor de etapa ideologista. As pesquisas deste período tinham como objetivo, em sua maioria, desvelar e denunciar o funcionamento da ideologia. Partiam de uma compreensão polarizada do processo de comunicação, na qual os meios de comunicação eram vistos apenas como ferramentas de ação ideológica:



Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 279)

O segundo momento, constituído a partir de meados dos anos 70, é marcado por uma perspectiva cientificista que toma como base o modelo informacional norte-americano que reduz o processo de comunicação à transmissão de informação. Tal modelo elimina de suas análises não apenas a questão da produção de sentido, mas também das lutas pela hegemonia, perdendo desta forma a dimensão coletiva dos processos de comunicação.

Apesar das grandes diferenças que guardam entre si, ambos modelos, segundo JBM (1997), padecem de uma “economia”, que iguala as duas instâncias do circuito de comunicação, emissores e receptores, colocando-os em um mesmo plano, como instâncias homólogas. Em oposição a tais formas de pensar a comunicação, Barbero propõe que não pensemos esta a partir das disciplinas e dos meios, mas sim a partir da

¹ Deste momento em diante, JBM fará referência a Jesús Martín -Barbero.

cultura. Isto não quer dizer que os meios devem sumir da análise, mas sim que estes devem ganhar mais ou menos importância de acordo com as formas como configuram as práticas sociais. A importância dos meios torna-se, desta forma, contextual e não dada a priori. Barbero propõe, então, que avancemos nas investigações sobre comunicação a partir de um mapa noturno:

Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas - dominação, produção e trabalho - mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 288)

Percebe-se aí que não há uma negação a termos fundamentais do processo de comunicação (dominação, produção e trabalho) em uma perspectiva estruturalista, mas sim uma clara proposta de olhar tais termos com outras lentes. Deve-se notar, portanto, a possibilidade de falar, a partir da teoria barberiana, tanto dos condicionantes estruturais quanto dos processos de subjetivação presentes na comunicação. Ao relativizar o papel dos meios no processo de comunicação, JMB propõe que olhemos com maior cuidado para as mediações que permeiam as relações entre as audiências e os meios para compreendermos como se dá a construção de significado nas práticas comunicativas. Ao longo dos escritos de JMB vai tornando-se nítido que o conceito de mediações está intimamente relacionado com a noção de usos. Nas palavras do autor:

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. [...] Mediação significava que entre o estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo que configura a cultura cotidiana. Era essa espessura da cultura cotidiana, que para mim, na América Latina, era muito rica. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154)

Nota-se aí a presença conjunta de elementos que dizem respeito à dimensão individual e coletiva do processo de comunicação. Ao propor que olhemos para os usos que são dados a determinado produto midiático, JMB (1997) propõe que desloquemos o olhar dos possíveis efeitos causados pelos meios, para as competências culturais que são ativadas nos processos comunicativos. Tais competências dizem respeito ao indivíduo, mas estão enraizadas na cultura. Desta forma, pois mais que a recepção dos conteúdos dos meios de comunicação seja individual, ela está impregnada por dimensões culturais; são estas que dão também um caráter coletivo para o processo.

A proposta de *re-situar* os estudos em recepção no campo da cultura, diz respeito, portanto, à defesa de investigações que se dediquem a abordar as lógicas dos usos, buscando ver aí tanto a forma como a hegemonia opera quanto as resistências que ela mobiliza. São os usos que dão uma forma social para o consumo. Este deixa de ser encarado em uma dimensão puramente passiva e torna-se também um momento de produção de sentido.

Ao olhar, portanto, os processos de comunicação partindo das mediações e atento para os usos, JMB percebe especificidades destes processos em sua dimensão latino-americana. Isto porque, como colocam Nilda Jacks e Daniela Schmitz (2017), olhar para as mediações culturais é privilegiar o mundo da vida cotidiana e dar evidência empírica à atividade do receptor. Daí mais uma das motivações para tomar Martín-Barbero como um dos autores de referenciada pesquisa, pois ele dedicou-se a pensar os processos de comunicação na região de maneira própria. Ao historicizar, portanto, a incorporação de “novas tecnologias”, ao final dos anos 80, em território latino-americano JMB (1997) aponta para a existência de um “buraco semântico” a partir do qual as tecnologias são consumidas na região no nível do cotidiano.

É necessário, ao pensar a partir de Martín-Barbero, evitar a redução dos meios a uma dimensão instrumental, pois o que autor aponta é justamente a necessidade de investigarmos tanto o ecossistema comunicativo que os constitui quanto como estes estão relacionados com o surgimento de “uma outra cultura, outro modo de ver e ler, de pensar e aprender”. JMB dedica-se em especial a pensar a relação entre os jovens e constituição de novas sensibilidades a partir das transformações culturais que marcam a contemporaneidade. Abordarei tal ponto ao me debruçar sobre a última proposta de mapa comunicativo elaborada por Martín-Barbero. Por hora, me dedico a elaborar um pouco sobre a utilização da cartografia como ferramenta epistemológica.

Como anteriormente mencionado, JMB utiliza a metáfora do mapa noturno para indicar a forma como conduz seus estudos sobre comunicação na América Latina. A cartografia surge, desta forma, como ferramenta epistemológica importante para compreensão dos processos de comunicação em uma perspectiva barberiana.

A teoria de JMB parece desenvolver-se, portanto, a partir do reconhecimento da necessidade de uma perspectiva teórica e metodológica que consiga dar conta da relação mutuamente constitutiva entre produção e consumo. De modo a evitar a obliteração de partes dos processos de comunicação e a criação de uma imagem fragmentada do mesmo: “o foco na produção pressupõe um consumidor, mas normalmente não chega

até ele; o foco na recepção pressupõe um produtor que produziu um texto sob certas condições de trabalho, mas não o alcança” (Veneza RONSINI, 2012, p. 78).

A perspectiva teórica de Barbero sobre como ocorrem os processos de comunicação irá levá-lo a propor, então, que pensemos tais processos a partir de um circuito da comunicação. A ideia de circuito será operacionalizada com a ajuda da instituição da cartografia como um método e como uma ferramenta epistemológica. Pensada como instrumento de pesquisa, a cartografia serve “para prover mapas cognitivos que orientam a percepção de um espaço de pesquisa” (Maria Immacolata LOPES, 2018, p. 42)

Os princípios da cartografia barberiana são expressos através dos mapas teóricos-metodológicos das mediações. Da mesma forma que as mediações se constituem como dispositivos historicizados os mapas também surgem como uma “uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto analisado (LOPES, 2018, p.51). A existência de quatro versões dos mapas teóricos-metodológicos das mediações indica este constante desenvolvimento do raciocínio em cima dos processos de comunicação e responde à necessidade do autor de desenvolver ferramentas que possibilitem a compreensão das mutações contemporâneas que constituem o entorno comunicativo latino-americano.

O primeiro mapa das mediações, de 1987, constituiu-se a partir dos estudos do autor sobre a comunicação cotidiana na América Latina e tinha como foco principal, naquele momento, a compreensão dos processos comunicativos tendo como referência de meio de comunicação a televisão. Sem, no entanto, ter sua utilização limitada a análise deste meio. Importante apontar que os mapas propostos por JMB não operam em um sentido evolutivo, isto é, o surgimento de uma nova versão não implica na superação das versões anteriores. Os mapas somam-se uns aos outros, e não se superam.

É necessário ressaltar que não existe um caminho a ser seguido nos mapas barberianos. Como indica Lopes (2018), os mapas são abertos, possuem múltiplas entradas, podem ser conectados em todas suas dimensões. Indicam, desta forma, um roteiro possível para pensarmos os processos de comunicação.

A versão dos mapas a partir da qual a pesquisa foi operacionalizada tem representada quatro polos básicos (Sensorialidades, Tempos, Tecnicidades e Espaços) estas são interligados por quatro mediações (Identidades/figuras, Redes/fluxos, Cidades/urbanitas e Narrativas/relatos). Esta versão de mapa das mediações segue o projeto mais amplo do autor de compreensão das mutações comunicacionais e culturais

de nosso tempo; o sentido de fluxo aqui é importante. De maneira que, se o primeiro dos mapas das mediações (1987), possuía como paradigma de meio a televisão, é necessário perceber que os meios que parecem servir de base para esta última versão são os digitais. JMB ressalta a paradoxalidade de uma economia da cultura cada vez mais hegemônica e bruta em concomitância com a possibilidade de olhares divergentes dado pelas redes sociais. Há, portanto, aqui uma renovação do projeto mesmo de estudos das culturais, a partir da consideração desta nova realidade:

A Internet é uma cultura com tudo. A crítica cultural deveria revelar as formas de controle do ser humano que tem o Facebook, o Twitter e tudo isso; estamos vivendo em um controle intangível, antes era tangível, quando se via a manipulação da televisão, do rádio e da imprensa, hoje eles nos controlam, fazendo-nos sentir livres, o que é uma espetacular vitória capitalista. Embora a espessura da economia possa ser muito menor, há muito mais política do que pensamos. (RINCÓN, 2019, p.78, tradução própria)

O desenvolvimento da compreensão de como está ocorrendo a transição entre culturas literárias para culturas científicas e digitais parece estar na base do entendimento das características dessa nova civilização que se constrói a partir de novas sensibilidades, de novos modos de organizar os tempos e de se atravessar os espaços e também de novas possibilidades em torno dos corpos. A chave para a compreensão desse momento que habitamos de mutação cultural está, para JMB, em lermos o *sesorium* atual “como habitado pela instabilidade e caos no indivíduo, na política e na sociedade” (RINCÓN, 2019). Qual civilização erige-se a partir das mutações culturais que vivemos? “Uma que produz de outros modos os sentidos e habita de outros modos a experiência: mais digital, fluida, hipertextual, caótica. Já não existe autoridade cognitiva e moral, nem política: apenas capitalismo financeiro e entretenimento expandido”. (RINCÓN, 2019, p.17)

Em tal leitura do contemporâneo as juventudes ganham papel de destaque. Os meios digitais parecem acentuar de forma mais incisiva um processo que já havia sido iniciado pela introdução dos aparelhos televisivos na esfera doméstica: “Por não depender de um complexo código de acesso, como o livro, a televisão oferece às crianças, simplesmente através do olhar, o mundo anteriormente velado dos adultos”. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.17) O autor irá apontar que em tal contexto o consumo juvenil ganha novos contornos. Em artigo que retoma o papel que os sujeitos juvenis ganham na teoria de JMB, Nilda Jacks e Daniela Schmitz apontam que na leitura de JMB:

[...] o consumo midiático tem um forte papel na reconfiguração das identidades em geral, mas especialmente as juvenis. Isso porque, na América Latina, os jovens vivenciam um enfraquecimento de três importantes âmbitos constitutivos de identidade: família, trabalho e política. Assim, este grupo social estaria mais exposto aos discursos midiáticos, não porque os meios tenham mais força, mas pela intensidade com que os jovens se relacionam com eles. (JACKS; SCHMITZ, 2017, p. 15)

Importante notar aqui que a leitura de JMB sobre a relação entre tecnologias e juventudes não caminha para a via de exaltação do passado face ao presente e, de fato, tende a ser até otimista. O autor parece ter uma compreensão positiva da capacidade de protagonismo dos jovens frente ao novo *sensorium* contemporâneo ao qual os jovens, por excelência, habitam. Os polos da espacialidade e da temporalidade que aparecem na parte vertical do mapa já haviam surgido no terceiro mapa das mediações (2010) e faziam referência a uma leitura mais geral do autor sobre as mutações contemporâneas da cultura:



[...] a temporalidade contemporânea configura a crise da experiência moderna do tempo, que se manifesta na transformação profunda da estrutura temporal, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual. A espacialidade se decupa em múltiplos espaços: o espaço habitado, do território feito de proximidade e pertencimento; o espaço comunicacional que tecem as redes eletrônicas; o espaço imaginado da nação e de sua identidade; o espaço praticado da cidade moderna, com a subjetividade que emerge das novas relações com a cidade e dos modos de sua apropriação. (LOPES, 2018, p.22)

Ambas parecem continuar indicando tanto o desenrolar de um processo histórico amplo que desaguará na multiplicidade dos tempos e espaços em que habitamos no contemporâneo, quanto apontam, para a forma como, na América Latina, os tempos e os espaços são experienciados.

O polo das técnicas, por sua vez, diz respeito ao desenvolvimento de novas formas de linguagem e novos regimes de sensibilidade que marcam o desenvolvimento de novas culturas. Ao falar em técnicas e não em tecnologia, JMB estabelece, portanto, que está preocupado com mudanças mais amplas, de maneira que técnica não pode ser equiparada a técnica, pois não é uma ferramenta, mas sim “a maneira como mudanças-chaves nos impregnam, é uma linguagem com a qual se lê, vê, compreende e se explicam as mudanças” (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p.20) Como bem

observa Lopes (2018), a tecnicidade faz referência à ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social. Há, portanto, uma conexão intrínseca entre o caráter produtivo das novas formas discursivas e a transformação da subjetividade contemporânea em sua dimensão coletiva.

A relação que se estabelece entre tecnicidades e sensorialidades é de interdependência. Esta última é definida por JMB como “o sensível em termos coletivos, não individuais” (RINCÓN; MARTÍN BARBERO, 2019, p. 21). A dimensão coletiva da cultura continua, portanto, no centro da análise do autor. É nas mediações das narrativas e das identidades que JMB nos dirá que estão as pistas metodológicas para compreendermos a relação entre as novas linguagens possibilitadas pelos meios digitais e o estabelecimento de novas formas de sentir o mundo que nos cerca.

A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum. (LOPES, 2018, p. 23)

Em relação as identidades, JMB (RINCÓN, MARTÍN-BARBERO, 2019) indica que está preocupado tanto com as identidades que “vem dos tempos duros e densos”, como, nos exemplos do autor, pai, mãe, indígena, quanto com aquelas mais efêmeras e fragmentadas que define como figuras de identidade, como professor, presidente, jornalista, mas que ainda contam com poder de enunciação e performance. A mediação das narrativas, por sua vez, deve ser entendida em relação com a noção de ritual; ritualidade já havia aparecido como uma mediação no segundo mapa das mediações (1998) e fazia referência, naquele momento, há “modos autorizados de olhar, ouvir, ler ligados à memória social do gosto, da classe, do hábito” (LOPES, 2018, p. 20). A mediação das narrativas está também, portanto, relacionada à dimensão coletiva da memória social. Esta, por sua vez, abarca narrativas capazes de habitar à memória coletiva no formato de relatos através da mobilização da cultura e de sujeitos com identidade:

Os rituais são experiências que geram narrativas, e as narrativas são produtoras de relatos que permanecem na memória coletiva. Hoje estamos testemunhando a expansão de rituais (assistir séries, conversar em redes, assistir a espetáculos, arte culinária) e, portanto, as narrativas (elas se multiplicam) porque dão conta das experiências que se vivem nos rituais. Narrativas são o que geram histórias e conversas. O ritual precisa do corpo, da oralidade e da espiritualidade para tornar-se em narrativa, e a narrativa requer tempo e espaço para se converter em

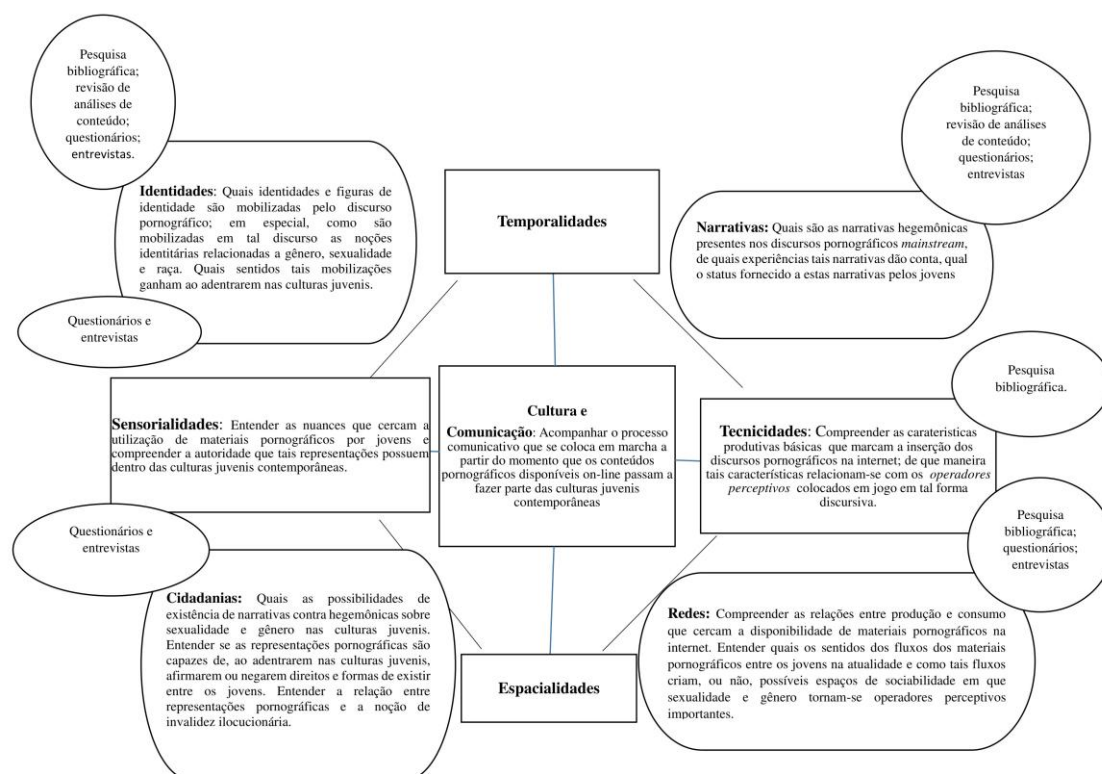
relato. Para que haja relato, este deve ser carregado de ritualidade e narrativa, portanto, de território, cultura e sujeitos com identidade. (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019 p. 21-22, tradução própria)

Conectando, então, o polo das tecnicidades e das espacialidades encontra-se a mediação das redes/fluxos. Segundo Barbero, as noções de redes/fluxos indicam, entre outras coisas, “a maneira de juntar-se em nosso tempo”. O autor busca acentuar o caráter em transformação da realidade comunicativa que experienciamos na atualidade. A ênfase nas redes e fluxos enquanto mediações evidenciam o abandono a qualquer ideia de essência e de estaticidade “não apenas no digital, mas também no cultural e no político” (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p.23) É necessário, desta forma, ver quais são e como se constituem os fluxos comunicativos que instauram as diferentes redes de habitabilidade juvenil no contemporâneo.

A mediação das cidadanias/*urbanitas*, por sua vez, que conecta os polos das sensorialidades e dos espaços está intimamente relacionada a percepção de que há uma nova forma de habitar novos espaços no contemporâneo que fazem com que não seja mais possível falar em cidadania de forma a relacionar o temos exclusivamente com o desenvolvimento de territórios físicos que ganham forma política a partir dos Estados nação, típicos do século XIX. Tal mediação é um convite para se pensar, portanto, o surgimento da *urbanita*, esta forma de ser das cidadanias no contexto das redes e dos fluxos que as estabelecem. Há que se pensar, desta maneira, em um outro tipo de cidadania que se constitui a partir dos signos da mobilidade, do efêmero e que não está necessariamente relacionado a fixidez de um território. Tendo esclarecido os principais termos do mapa barberiano foi possível estabelecer o desenho² da proposta teórico-metodológica para a pesquisa.

² A visualização do mapa pode ser conferida aqui: <https://sites.google.com/view/apreendendo-o-sexo-internet-se/in%C3%ADcio>

Figura 1. Mapa do processo comunicativo acompanhado pela pesquisa



Fonte: produzido pela autora

www.revistafenix.pro.br

Como já dito em outros momentos desta pesquisa, a proposta de entender o circuito de comunicação colocado em pauta pelas representações pornográficas disponíveis on-line, passa por uma compreensão mais apurada de quais são as narrativas e identidades mobilizadas por tais discursos. Tal compreensão pode se mostrar difícil de ser atingida ao se levar em conta o grande número de mídias pornográficas disponíveis na web. Realizar uma análise de conteúdo que seja representativa do universo das representações pornográficas disponíveis na Internet é, portanto, uma tarefa complexa.

Para atingir estes objetivos da melhor maneira possível, adotei algumas estratégias metodológicas. Primeiramente, optei por me apoiar amplamente em pesquisas já existentes sobre análises de conteúdo de mídias pornográficas *on-line*. A realização de uma investigação sobre o estado da arte das pesquisas sobre o tema permitiu delinear os principais elementos da paisagem pornográfica presente na Internet.

A seleção do *corpus* de pesquisas que integraram o estudo do estado da arte foi realizada a partir da consulta a três bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, portal de periódicos Capes/Mec e Scielo. Os termos utilizados para a busca formam: análise, conteúdo, pornografia, internet. Visando atualidade, selecionei

apenas trabalhos que haviam sido publicados a partir do ano 2010. O portal de periódicos da Capes/Mec indexou 107 trabalhos para os termos em inglês e nenhum trabalho para os termos em português. A BDTD indexou 3 trabalhos para os termos em inglês e 9 trabalhos para os termos em português, a base de dados do Scielo não indexou nenhum trabalho com os termos, sejam em português sejam em inglês. Também realizei buscas nas três bases acima citadas pelos termos: roteiros, sexuais, pornografia. Foram realizadas buscas para os termos em inglês e português, por trabalhos publicados a partir do ano 2010. O portal de periódicos da Capes/Mec indexou 10 trabalhos para os termos em português e 254 trabalhos para os termos em inglês. A BDTD indexou 1 trabalho para os termos em português e nenhum trabalho para os termos em inglês. A base de dados do Scielo indexou 2 trabalhos para os termos em português e nenhum trabalho para os termos em inglês.

Para serem selecionados para integrar o *corpus* de análise os trabalhos deveriam atender a três critérios: as análises deveriam ser quantitativas, a internet deveria ser o meio de acesso aos vídeos/imagens e as análises deveriam versar sobre ao menos um dos seguintes temas/categorias: objetificação, agência, agressão, violência, comportamentos sexuais. Tais grandes temas e categorias já são frequentes em pesquisas que se dedicam a realizar análises de conteúdos de representações pornográficas e permitem que haja uma comparabilidade entre os trabalhos selecionados. É a relação de tais categorias com as mediações das narrativas e das identidades que permitiu apontar as principais características da paisagem pornográfica *on-line*. Após realizar a leitura dos títulos e resumos de todos os trabalhos encontrados defini o *corpus* de análise em treze trabalhos. A leitura de um trabalho (Elise CARROTTE; Angela DAVIS; Megan LIM, 2020) que se dedicou a revisão sistemática e a narrativa sintética de estudos publicados entre 1986 e 2017, que versavam sobre análise de conteúdos de vídeos pornográficos permitiu a seleção mais um trabalho para integrar o *corpus* de análise. De maneira que a revisão foi fechada em catorze trabalhos. Compuseram, desta forma, a amostra de tal revisão cerca de 7.071 cenas/vídeos/imagens.

Dado o objetivo de desenvolver uma compreensão mais apurada de quais são as narrativas e identidades mobilizadas por tais discursos, selecionei tanto trabalhos que realizavam análises mais amplas de conteúdo de pornografia *mainstream*, quanto trabalhos que analisaram de forma comparada os conteúdos da pornografia *mainstream* com outros gêneros de representações pornográficas, como pornografia feminista e pornografia para mulheres. Também estão incluídos no *corpus* de trabalhos analisados

pesquisas que se dedicaram a averiguar representações pornográficas disponíveis *on-line* através de diferentes marcadores sociais como raça/etnia, geração, gênero e orientação sexual. É preciso, no entanto, apontar que uma das limitações da presente pesquisa se centra no caráter essencialmente heterossexual e cisnormativo das representações pornográficas analisadas. Por fim, resalto que não localizei nenhum trabalho quantitativo brasileiro que dedicasse a análise de conteúdos de vídeos pornográficos.

Em específico, o processo de pesquisa que buscou estabelecer quais seriam as narrativas hegemônicas e quais identidades e figuras de identidade são mobilizadas pelo discurso pornográfico, em especial, como são mobilizadas em tal discurso as noções identitárias relacionadas a gênero e sexualidade, ocorreu através da revisão de quatorze pesquisas que realizaram análises de conteúdos de imagens e vídeos pornográficos disponibilizados nos principais e maiores portais de acesso a pornografia na atualidade. Compuseram, desta forma, a amostra de tal revisão cerca de 7.071 cenas/vídeos/imagens.

Foi possível, então, elaborar os principais traços da paisagem pornográfica disponível *on-line* e estabelecer quais seriam as narrativas hegemônicas e quais identidades e figuras de identidade são mobilizadas pelo discurso pornográfico. A partir da análise das pesquisas revisadas propus uma lista que seria representativa do roteiro básico de um vídeo pornográfico heterossexual encontrado em um site do estilo *tube* na internet. Em relação a tal roteiro aponte que as narrativas pornográficas analisadas se constituem em exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante. Também propus denominar o sistema de representação que se instaura a partir desta paisagem de *voluptas-violentiam*.

CULTURAS JUVENIS: UM CAMINHO DE PESQUISA

O presente trabalho pode ser enquadrado também como fazendo parte dos estudos que tomam como sujeitos de pesquisa as juventudes. Muitos dos trabalhos que buscam analisar a utilização de pornografia por jovens, tendem a adotar uma classificação puramente etária para o grupo que analisam, optam, portanto, na grande maioria das vezes, pela utilização do termo adolescentes para classificar seus sujeitos de pesquisa. A escolha pelo termo adolescente ao invés de jovens ou juventudes é preponderante nos trabalhos das áreas da saúde, que concentram a grande maioria dos estudos sobre o tema.

A escolha, portanto, em falar em juventudes e culturas juvenis revela, portanto, um posicionamento teórico-metodológico importante. Tomar as juventudes como

sujeitos sociais revela uma valorização da socialização no processo de constituição de tal categoria social e dos sujeitos concretos que fazem parte dela. Partindo da perspectiva de Mario Margulis e de Marcelo Urresti considero que “a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas que tem uma base material vinculada com a idade.” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 3)

Não parto, no entanto, de uma perspectiva puramente culturalista sobre o tema. Isto é, não compartilho da noção de que o conceito de juventudes possa ser definido apenas pelos signos associados a noção de jovem e tampouco partilho da opção teórica de definir juventude como uma mera mercadoria simbólica. Sob tal lógica, jovens de classes menos favorecidas não poderiam ascender à condição juvenil, pois não poderiam ostentar os símbolos da juvenilização.

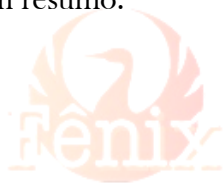
Por este motivo, alguns autores preferem explicitar a inclusão da questão etária em seus conceitos de juventudes. A introdução da idade como variável a ser contabilizada na definição de juventudes torna-se importante, pois oferece facticidade para entendermos a produção de tal categorial social. O corpo ganha, desta forma, importância tanto por ser o território de inscrição das diferenças sociais e quanto por remeter para um aspecto energético importante para a compreensão do conceito.

Conforme dito anteriormente, falar em juventudes é valorizar os processos de socialização que influenciam na constituição desta categoria. Desta forma, a noção de geração para pensarmos as juventudes também se mostra importante, pois tal categoria introduz a História na variável etária. Geração, portanto, “remete a idade processada pela cultura e pela história” (MARGULIS; URRESTI, 1998). Para além das desigualdades consequentes dos diferentes marcadores sociais, a ideia de geração introduz uma dimensão transcendente para o exame da condição de juventude, pois nos leva a pensar nos “códigos culturais diferentes, que orientam as percepções, gostos, valores e modos de apreciar e desembocam em mundos simbólicos heterogêneos com distintas estruturas de sentido” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p.6) Ser jovem é, portanto, pertencer a uma geração mais recente, com traços históricos próprios. A geração, desta forma:

[...] alude ao momento em que cada indivíduo se socializa, e com isto às mudanças culturais aceleradas que caracterizam o nosso tempo. Cada geração pode ser considerada, em certa medida, pertencente a uma cultura diferente, na medida em que incorpora em sua socialização novos códigos e habilidades, linguagens e modos de perceber, apreciar, classificar e distinguir. (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 3, tradução própria)

A noção de condição juvenil está também intimamente ligada a noção de geração, faz referência a elementos da cultura e da história que permitem conferir alguma unicidade a categoria social dos jovens. Trata-se, sem dúvida, de uma abstração da pesquisa, mas que se mostra importante para conseguirmos sair do particularismo da análise caso a caso. Como forma de não obliterar as diferenças entre os distintos sujeitos que compõem a categoria dos jovens surge, então, a noção de situações juvenis. São das situações juvenis que poderemos inferir a existência de determinados códigos culturais que marcam uma certa condição juvenil. A valorização da noção de culturas juvenis surge a partir da consideração de que o mundo da cultura é um “espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (Juarez DAYRELL, 2007, p. 1110). A existência de múltiplas culturas juvenis é fruto, desta forma, da heterogeneidade das situações juvenis vividas.

Os conceitos de condição e situação juvenil permitem na análise “levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os processos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve” (DAYRELL, 2007, p. 1108). Em resumo:



A condição juvenil expressa o significado histórico, geracional, atribuído por uma sociedade específica à juventude. A situação ou situações juvenis refere-se ao modo como essa condição é vivida pelos jovens concretos a partir dos recortes de gênero, classe, etnia, por exemplo. (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016, 283)

Realizei até o momento alguns apontamentos que considero importantes sobre o debate teórico em torno do conceito de juventudes. No entanto, foi necessário adotar uma definição operativa de tal conceito, ao oferecer tal definição não pretendo sintetizar e nem finalizar o debate em torno do que significa ser jovem, mas sim delimitar o escopo dos jovens que foram tomados como sujeitos de pesquisa. Desta forma, considere como sujeitos de pesquisa jovens com idade entre 16 e 19 anos. Foram considerados sujeitos de pesquisa, portanto, aqueles nascidos entre os anos de 2003 e 2006, ou seja, sujeitos que passaram pelo processo de socialização já sobre o advento da Internet, da Web 2.0, e do fenômeno dos sites pornográficos estilo *tube* e que compartilham, portanto, ainda que de maneira genérica, certas características do processo de socialização e certos códigos culturais.

O segundo momento da pesquisa foi marcado pela tentativa de compreender de forma mais profunda as maneiras como as pessoas jovens se relacionam com materiais

pornográficos disponíveis *on-line* e como tais materiais surgem e passam a habitar as culturas juvenis. Dois instrumentos de pesquisa foram propostos como forma de atingir tal objetivo: a aplicação de um questionário no modelo *survey* e a realização de entrevistas semiestruturadas. Tratou-se da tentativa de combinar dois olhares sobre o processo comunicativo: um com o foco no mapeamento mais geral dos usos e outro que mirasse de forma mais íntima para o campo possibilitando chegar às subjetividades juvenis em torno do tema de pesquisa.

O questionário foi disponibilizado em ambientes *on-line* e respondido de maneira totalmente anônima e virtual por pessoas jovens com idades entre 16-19 anos, esta etapa da pesquisa foi finalizada com 277 questionários válidos respondidos. De forma subsequente a aplicação dos questionários, foram realizadas dez entrevistas com jovens com idades de 18 e 19 anos. O roteiro que guiou as entrevistas era composto de 20 questões. Todas entrevistas foram gravadas e, então, transcritas. A análise dos dados coletados com os questionários foi realizada a partir quantificação dos mesmos segundo eixos temáticos que tem se mostrado pertinentes em estudos que versam sobre pornografia e juventudes. Destacam-se como eixos temáticos importantes: modos de acesso à Internet, percepção sobre o acesso a pornografia, forma, frequência, intencionalidade e motivação do contato, percepção sobre o realismo e grau de violência dos materiais pornográficos, impacto da utilização de materiais pornográficos, autoprodução de materiais sexualmente explícitos, relação entre escola e temas relacionados a gênero e sexualidade. Tais eixos foram, posteriormente, cruzados com as informações demográficas coletadas no questionário de maneira a se estabelecer um panorama mais detalhado sobre o tema. Em relação as entrevistas, as mesmas foram gravadas, transcritas, codificadas e categorizadas por temas de interesse. A validação dos dados obtidos foi feita a partir da comparação tanto dos dois momentos empíricos da pesquisa entre si, questionários e entrevistas, mas como também através comparação destes dados com aqueles produzidos via a análise das revisões de conteúdo e em relação a outras pesquisas e conceitos pertinentes ao campo.

A tarefa de concluir algo ou mesmo de resumir os principais pontos levantados por estas duas etapas da pesquisa feita diretamente com pessoas jovens é um desafio. Opto, portanto, aqui por não tentar esquematizar ou resumir os achados deste momento, mas sim por falar destes achados surpreendentes.

O primeiro ponto merecedor de destaque centra-se na ainda fundamentalidade da variável de gênero para a compreensão de diversos aspectos que envolvem o contato

com conteúdos pornográficos por jovens via internet. As variáveis de gênero foram as responsáveis pela produção de diferenças significativas em quase todos os itens avaliados pela pesquisa: primeiro acesso, idade, frequência, impacto, inspiração nos conteúdos e produção de conteúdo explícito. De maneira que, da mesma forma que aponte para a importância do gênero na constituição das narrativas e identidades no discurso pornográfico *mainstream*, também é preciso notar que jovens identificados com o gênero masculino e jovens identificadas com o gênero feminino tendem a ter experiências bastante distintas com as representações pornográficas disponíveis on-line.

Os dados produzidos pela pesquisa levam a uma renovação, portanto, de já antigas questões trazidas por diversas autoras ligadas ao movimento feminista. Tais questões renovavam-se a medida em que, se é possível falar em uma manutenção de representações heteropatriarcais como o grande mote da pornografia *mainstream*, é necessário reconhecer que os novos formatos e as novas formas de acesso as representações pornográficas possuem consequências amplas e variadas no que tange a constituição das sensorialidades juvenis de nossa época. Ressalto quatro características importantes delineadas a partir da pesquisa: a precocidade e a alta frequência de contato, a normatização do contato com cenas de agressão/violência/degradação, o elevado número de pessoas jovens que informam um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vidas e o elevado número de pessoas jovens que informaram já terem produzido conteúdos sexualmente próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva barberiana sobre comunicação e cultura e a teoria das mediações sociais são, por vezes, apresentadas como pouco precisas na apresentação de seus conceitos (SIGNATES, 2006) e de aplicabilidade questionável (MAIO, 2016). O objetivo do presente artigo foi demonstrar a factibilidade de se estruturar uma pesquisa a partir dos Estudos Culturais e, de maneira mais específica, a partir da perspectiva barberiana sobre a comunicação. Tomei como objeto de pesquisa o processo comunicativo que é colocado em jogo quando o discurso pornográfico entra nas redes e torna-se parte dos referenciais sobre gênero, sexualidade e corpos presentes nas culturas juvenis.

Indiquei, ao longo do texto, a insuficiência de uma compreensão estática dos polos emissores e receptores de conteúdo e apontei os mapas das mediações propostos por Barbeiro como uma possível saída teórico-metodológica que permitem, ao fornecerem as pistas de entendimento dos processos comunicativos do contemporâneo, uma compreensão fluída de como ocorre a construção de narrativas, o estabelecimento de identidades e as batalhas por significado que são travadas a partir de tais termos.

Visando ilustrar a relação entre as escolhas teóricas-metodológicas e a produção de resultados práticos apresentei alguns dos achados relevantes da pesquisa. Apontei, desta forma, que as representações pornográficas analisadas a partir da revisão empreendida se constituem em exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante; propus denominar o sistema de representação que se instaura a partir desta paisagem de *voluptas-violentiam*. Em relação as sensorialidades juvenis que se constituem a partir dos novos formatos e as novas formas de acesso as representações pornográficas ressaltai quatro características importantes: a precocidade e a alta frequência de contato, a normatização do contato com cenas de agressão/violência/degradação, o elevado número de pessoas jovens que informam um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vidas e o elevado número de pessoas jovens que informaram já terem produzido conteúdos sexualmente próprios.

Neste sentido, a explicitação do caminho empírico percorrido pela pesquisa e dos instrumentos e ferramentas que foram mobilizadas nestes processos se deu com o intuito de não apenas indicar possibilidade de operacionalização de uma investigação a partir do arcabouço teórico escolhido, mas também de fomentar possíveis novas pesquisas que optem por seguir escolhas similares.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Jacob. **How OnlyFans Changed Sex Work Forever**. The New York Times. 09/01/2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/09/style/onlyfans-porn-stars.html> Acesso 20/02/2023

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York, Routledge, 2002.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.

HALL, Stuart. The rediscovery of 'ideology'; return of the repressed in media studies. In **Culture, society and the media** (ed. MICHAEL GUREVITCH, TONY BENNETT, JAMES CURRAN AND JANET WOOLLACOTT), London/New York. Routledge, 2005.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. In. **Rev. Famecos** (Online). Porto Alegre, v.24, n.2, maio, junho, julho e Agosto de 2017.

KRISTOF, Nicholas **The Children of Pornhub: Why Does Canada Allow This Company to Profit Off Videos of Exploitation and Assault?**, N.Y. TIMES (Dez. 4, 2020) Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html>

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, 12(1), 39-63, 2018.

MAIO, Ana Maria Dantas de. Teoria das mediações sociais: refinamento ou obsolescência? In. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós- Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.19, n.3, set/dez, 2016.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. p. 13-30 In: ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La construcción social de la condición de juventud" In. VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. De la comunicación a la cultura. Perder el "objeto" para ganar el Proceso. In **Signo y Pensamiento**, (Vol. iii, Número 5) p.17 -24, 1984.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Oficio de Cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Chile, Fondo de Cultura Económica, 2002.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BARCELOS, Claudia. Comunicação e mediações culturais. In. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. XXIII, nº1, janeiro/junho, 2000.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese de doutorado, USP, 2013.

RONSI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín- Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In. GOMES, Itania Maria Mota; JUNIOR, Jeder Janotti. **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador, EDUFBA, 2011.

RINCÓN, Omar. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. In. **Revista Eptic**. Vol. 21, Nº2, MAI-AGO, 2019.

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesus. Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa paara investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín Barbero**. Ecuador, Ciespal, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid, Traficante de sueños, 2016.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. p. 55-79. In: Sousa, Mauro Wilton de (Org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA; Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. In. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 11(2), São João del-Rei, julho a dezembro 2016.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core: power, pleasure, ad the frenzy of the visible**. Los Angeles, University of California Press, 1989.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 08/12/2024
Parecer dado em: 25/02/2025